Cá entre nós, que ninguém nos ouve...

CAYMMI FAZ CONFIDÊNCIAS

Ektachrome de VAN ERVEN

Caymmi já é patrimônio, já é, inclusive, praça pública, lá na Bahia que o viu nascer. No momento, de volta ao Rio de Janeiro, brilha mais que nunca. Um contrato o prende à Organização Victor Costa, onde êle está fazendo rádio com sucesso. Á noite, num bar de Copacabana, o 36, atrai verdadeiras multidões. Ninguém tem dúvidas que é a presença de Dorival Caymmi que, noite após noite, carrega para aquêle bar, desconhecido até bem pouco, um público numeroso, que, se vai comer e beber, mais vai é ouvir a voz do grande cantor baiano. E entre uma interpretação e outra, faz confidências ao repórter:

— Gosto dêste Rio de Janeiro, de Copacabana... deve ser por causa do mar...

— Caymmi, circulou um boato que você não voltaria ao rádio, que você não gostava do rádio...

— Invenção. Gosto de cantar, seja onde fôr: diante de um microfone, num bar ou simplesmente à beira-mar, sem ninguém me ouvindo...

— E quanto às insinuações de que você se estaria afastando do povo, tornando-se um cantor da granfinagem, atuando apenas em boites?

— Outra invencionice. Como profissional, encaro as coisas sob um prisma econômico: quem me quiser, que pague o que julgo valer. Se o rádio me oferece um bom contrato, aceito. Se é da boite que vem a oferta, aceito. Isto é tudo. Durante algum tempo as propostas que me fizeram para voltar ao rádio não me seduziram, limitei-me então a cantar dentro da noite. Agora, surgiu a proposta que eu esperava. Topei. Eis tudo. Continuo sendo o mesmo de sempre...

— Amigo do mar, do povo, das coisas simples e da pintura?

— Exato. Ainda há pouco, dois de meus quadros foram expostos no II Salão de Pintores do Rádio, promovido pela sua revista, a RADIOLÂNDIA...

— Por sinal, seus quadros foram muito elogiados pela crítica. Por que não se dedica principalmente à pintura?

— Tanto gosto de cantar, como de pintar... tudo depende do momento, do estado d'alma...

E naquele instante, o estado d'alma era de cantar, e Dorival Caymmi tomou do violão e cantou:

Vamos chamar o vento...